REEXISTÊNCIAS POSSÍVEIS: A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CÁRCERE

Breno Guimarães Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-5589-6624
Endereço eletrônico: brenogs132@gmail.com

Elias Fernandes Mascarenhas Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8012-0373
Endereço eletrônico: eliasmas@uesb.edu.br

Palavras-chave: literatura; educação prisional; sistema prisional; reexistência; racismo estrutural.

INTRODUÇÃO

O Brasil figura entre os países mais desiguais do mundo (UBS, 2024), realidade que intensifica processos de exclusão social e influencia diretamente a dinâmica do encarceramento. A violência de Estado e a privação de liberdade atingem de forma desproporcional a população negra, que representa 68,2% das pessoas encarceradas no país (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Além disso, dados da Rede de Observatórios da Segurança (2024) demonstram que mais de 86% das vítimas de intervenções policiais em nove estados brasileiros eram negras. Esses indicadores evidenciam como o racismo estrutural atravessa as práticas de policiamento, criminalização e punição, aproximando-se da noção de necropolítica proposta por Mbembe (2018), segundo a qual determinadas vidas são continuamente expostas à precarização, à violência e à negação de direitos.

Nesse cenário, a literatura pode assumir um papel que ultrapassa o incentivo à leitura ou a obtenção da remição de pena, constituindo-se como uma prática educativa capaz de favorecer o reconhecimento das desigualdades sociais que atravessam as trajetórias das pessoas privadas de liberdade. Ao estabelecer relações entre as narrativas literárias e as

experiências vividas, a leitura pode estimular processos de reflexão crítica, fortalecimento da consciência social e ressignificação da própria história. Assim, este trabalho objetiva refletir sobre o potencial da literatura como instrumento de reexistência e formação crítica no contexto prisional brasileiro.

METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico, desenvolvido a partir da análise de literatura científica, documentos oficiais e obras literárias que abordam temas relacionados ao encarceramento, à desigualdade social, ao racismo estrutural e à educação em prisões. A discussão fundamenta-se em referenciais críticos sobre direitos humanos, necropolítica e educação emancipatória, buscando compreender as potencialidades da literatura como prática formativa no contexto prisional.

A análise privilegiou obras literárias cujas narrativas dialogam com experiências de exclusão, violência e marginalização, permitindo estabelecer aproximações entre os enredos e as trajetórias frequentemente vivenciadas pela população encarcerada. A partir desse diálogo, buscou-se discutir como a leitura pode favorecer processos de identificação, reflexão crítica e produção de novos sentidos sobre si e sobre a realidade social, ampliando seu papel para além da função instrumental da remição de pena

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura evidencia potencial para ampliar a compreensão das pessoas privadas de liberdade acerca dos processos históricos e sociais que atravessam suas trajetórias. Ao estabelecer conexões entre as narrativas literárias e suas experiências de vida, os sujeitos podem reconhecer que muitas das vulnerabilidades vivenciadas são produzidas por estruturas sociais marcadas pelo racismo, pela pobreza e pela exclusão.

Nesse sentido, *Capitães da Areia* (Amado, 2008) ilustra como crianças e adolescentes submetidos ao abandono e à violência acabam sendo empurrados para ciclos de marginalização, realidade que dialoga com as trajetórias de grande parte da população prisional. Essa aproximação entre literatura e realidade favorece processos de identificação e reflexão crítica, aproximando-se da perspectiva freiriana de leitura do mundo (Freire, 2019).

Da mesma forma, obras como *Quarto de Despejo*, *Um Defeito de Cor*, *Becos da*

Memória, *Água de Barrela*, *Torto Arado*, *Memórias do Cárcere* e *Submundo: Cadernos de um Penitenciário* contribuem para problematizar o encarceramento, o racismo estrutural e as desigualdades sociais. Assim, a escolha de obras que dialoguem com a realidade das pessoas privadas de liberdade amplia o potencial humanizador da leitura, favorecendo processos de consciência crítica e reconstrução de sentidos para além da remição da pena.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel da mediação pedagógica na experiência da leitura em contextos de privação de liberdade. O potencial transformador da literatura não decorre exclusivamente da obra em si, mas também da forma como ela é problematizada e relacionada às experiências dos leitores. Nessa perspectiva, cabe ao educador selecionar textos que dialoguem com as trajetórias da população encarcerada e promover espaços de diálogo que favoreçam a reflexão sobre desigualdade, racismo, violência, direitos humanos e cidadania. Inspirada na concepção freiriana de educação, a leitura deixa de ser compreendida como mera atividade de decodificação ou requisito para remição da pena e passa a constituir-se como prática de conscientização, capaz de ampliar a compreensão crítica da realidade e fortalecer processos de autonomia e reexistência (Freire, 2019).

CONCLUSÕES

A literatura apresenta potencial para constituir-se como uma estratégia de reexistência no contexto prisional ao favorecer que pessoas privadas de liberdade compreendam criticamente as estruturas sociais que atravessam suas trajetórias. Ao aproximar as experiências narradas nas obras literárias da realidade vivenciada pelos leitores, a leitura pode estimular processos de identificação, fortalecimento da consciência crítica e reconstrução de sentidos sobre si e sobre o mundo.

Dessa forma, a literatura ultrapassa a função de instrumento para remição da pena e reafirma seu papel como prática educativa, política e humanizadora. Investir em ações de leitura que dialoguem com a realidade da população encarcerada significa fortalecer processos de formação crítica e ampliar as possibilidades de garantia de direitos, contribuindo para que o ambiente prisional também possa constituir-se como espaço de reflexão, aprendizagem e produção de novas formas de existir.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da areia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: FBSP, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Pele alvo: a cor da violência policial**. Rio de Janeiro: CESeC, 2024.

UBS. **Global Wealth Report 2024.** Zurich: UBS, 2024.